3

Teoria da Variação e Tratado de Gramaticalização

É importante levantar uma problemática: a gramaticalização constitui uma “teoria” própria ou está contida numa teoria maior, sendo apenas um tratado desta última?

Apesar de a gramaticalização constituir, como foi dito, um fenômeno, sendo, portanto, apreensível empiricamente, há divergências autorais em relação a seu caráter verdadeiramente objetivo, ou melhor, seu caráter de objeto de estudo linguístico científico.

Isso se deu, em grande parte, pela influência da episteme de Ferdinand de Saussure, uma vez que esta afasta, ainda que tacitamente, a correlação entre evolução²³ ou mudança linguística e *parole*. Moura Neves (2004, p. 115), parafraseando Traugott e Heine, chega a dar como uma das definições para gramaticalização a “parte da teoria da linguagem que tem por objeto a interdependência entre *langue* e *parole* [...]”.

Embora exista, nos analistas mais rigorosos, diferença entre “variação” e “mudança”, que será explicitada abaixo, o termo “Teoria da Variação” ganhou foros de cientificidade nos pesquisadores da gramaticalização. Por essa razão, pareceria mais oportuna e menos ambígua a adoção do termo “Teoria da Variabilidade”, que englobaria, epistemicamente, variação e mudança.

Esta dissertação buscará mostrar, por essa e por diversas outras razões, sempre expostas oportunamente, a importância da primogenitura saussuriana, indo, contudo, aos avanços sobre esses estudos, que conciliaram a sistematização da língua com as mudanças sincrônicas e diacrônicas, não desprezando, pois, tampouco os teóricos que lidam com o âmbito da fala. Para se fazer essa demonstração, serão perquiridos alguns casos de gramaticalização no passado e no presente, para que se comprove como a mudança nem sempre é de caráter diacrônico numa língua, mas, em vez disso,

²³ Cumpre assinalar que, sob as melhores fontes de estudos linguísticos, “evolução” não significa “melhora”, mas tão somente, mudança, alteração, variação, diferenciação, complexificação, simplificação etc. É importante observar que nem sempre a evolução, como se demonstrará melhor, é caso de gramaticalização, pois, para que isso ocorra, são necessários princípios e parâmetros específicos. Só para citar um exemplo, Meillet (1948, p. 130) chama o capítulo que cunhou o termo gramaticalização de “L’*évolution* des formes grammaticales” (grifamos).

pode se passar diante do falante sincronicamente: como já se disse, adotar-se-á o ponto de vista pancrônico.

Cabe aqui, à guisa de esclarecimento preliminar, salientar a distinção que autores como Lehmann (1995) fazem entre os termos “variação” e “mudança”. Para tais pesquisadores, a “variação” é um fenômeno pertencente ao nível sincrônico da língua, ao passo que a “mudança” deve ser posta em parêntese com o estudo adstrito ao nível diacrônico. Como a gramaticalização ocorre tanto num nível de estudo quanto no outro, como, até, mostrar-se-á com alguns casos empíricos e hipotéticos abaixo, obedecendo aos princípios e critérios de constituição da gramaticalização, conclui-se que este fenômeno linguístico, por operar-se através da variação e da mudança, deva ser perquirido pela perspectiva pancrônica, como, com efeito, será mais bem explicitado oportunamente.

Assim, voltando-se à indagação que abre este capítulo, há autores que não consideram haver uma “teoria” da gramaticalização específica basicamente por duas razões distintas: 1) a que segue os passos de Saussure, e não preconiza os estudos da fala e da diacronia como passíveis de sistematização (acima esboçado); e 2) a que vê a gramaticalização como carente de um conjunto de leis específicas que lhe deem estatuto de “teoria” alheia à teoria maior da variação, vendo que esta última, portanto, contém o fenômeno da gramaticalização, tal qual outros de evolução linguística.

Para o segundo caso supra, há autores que propugnam por uma “Teoria da Variação” (Braga & Mollica, 2010). Com essa terminologia, que, a rigor, não estabelece a distinção entre “variação” e “mudança” estipulada por Lehmann (1995), acima exposta, não se deixa de reconhecer como passível de estudo científico o caso da gramaticalização, mas coloca-se esse mesmo estudo dentro de um campo mais amplo epistemologicamente, qual seja, o das variáveis como um todo (sincrônicas e diacrônicas), ocorridas em funções concretas de produção de discurso, trazidas à pesquisa científica.

Para “Teoria da Variação”, Tarallo (1999, p. 88, s.u.: Variação), afirma: “teoria da variação; assume a heterogeneidade e o “caos” linguístico como objeto de estudo; também denominada sociolinguística quantitativa ou dinâmica”.

Voltando ao caso específico da gramaticalização, muitos pesquisadores creem que ainda não haja leis suficientes para a tornarem uma “teoria”, senão, somente, parte de um conjunto mais amplo de mudanças, denominado “Teoria da Variação”. Nessa Teoria, em que outros casos de mudanças ocorrem, a gramaticalização constitui um Tratado, por poder ser descrita à luz de mecanismos próprios e conter empiria bastante para lhe ser aventada uma gama de hipóteses cientificamente verossímeis.

Nesse mesmo conjunto de fenômenos de mudanças, estariam casos como o da lexicalização, o da semanticização, o da discursivização (Gonçalves et al, 2007, p. 28), apontando-se, pois, como se pode inferir, para os módulos de que a língua se compõe: o dicionário, a gramática, a semântica, o discurso.

Ainda como elementos partícipes da Teoria da Variação, podem-se apontar, na esteira de Moura Neves (2004, pp.121-122) os seguintes casos: dessemantização, expansão, simplificação (nível funcional propriamente dito), permutação, composição, cliticização, afixação (nível morfossintático), adaptação, fusão, perda (nível fonético/fonológico). Vale ressaltar que as alterações em determinado nível costumam vir acompanhadas de alterações em outros níveis.

Heine *et al* (1991, p. 149, *apud* Moura Neves, 2004, p.116) mostram casos complementares, que, segundo Moura Neves (*op.cit.*) são “casos particulares do processo: *sintaticização, descoramento semântico, enfraquecimento semântico, desvanecimento semântico, reanálise, condensação, redução etc.*”²⁴ (os grifos são originais).

Indo-se além, há pesquisadores que, apesar de não desabonarem a fenomenologia do processo em questão, não o veem como teoria, senão, sim, como hipótese. A parte desta dissertação que analisará casos concretos de itens gramaticalizados ou em gramaticalização licencia tal visão sobre o assunto, uma vez que abordará os itens levantando hipóteses, todas calcadas, entretanto, em princípios norteadores da Teoria da Variação e dos casos específicos de gramaticalização que já vêm sendo aplicados para a conclusão científica de fatos da língua.

²⁴ Tais conceitos norteadores serão explicitados no capítulo abaixo “Princípios, mecanismos, critérios, parâmetros, motivações e efeitos da gramaticalização”.

Por fim, há aqueles autores que, seguindo mais de perto a linha de Saussure *stricto sensu*, não se ocupam tanto da gramaticalização como estudo científico, e, pois, sistematizável, por compreenderem que se trata de fenômeno ligado a mudanças ocorridas na fala, variando sobremaneira em função de espaços geográficos, socioculturais, dialetais, etários, não fazendo parte, portanto, do que consideram o objeto verdadeiro e único da Linguística, isto é, a língua.

Neste ponto, com efeito, já se distingue a visão de cunho mais peremptoriamente Formalista, que abstrai a língua de seu uso, e a compreende como um arcabouço inato, cognitivo e cognoscível por completo, constituindo um sistema de sistemas (signos, sons, morfemas, lexemas, frases), um objeto capaz de ser descrito em modelos abstratos, matemáticos e universais. Não obstante, como se verá, em gramaticalização, muitas são as razões pelas quais se deve buscar a conciliação entre o Formalismo e o Funcionalismo, pois ambas as correntes principais da Linguística (que serão expostas adiante em capítulo próprio) interagem para a criação do arcabouço segundo o qual a gramaticalização, como um dos processos de mudança da Teoria da Variação, será compreendida.

Entretanto, um dos pontos em comum a todos os que se propõem estudar a gramaticalização é o fato de que se buscará a inter-relação do discurso (plano funcional) com a forma (plano formal). Esse e outras complementaridades necessárias serão demonstradas em capítulo próprio, como já foi dito.

Dessa maneira, há que se levar em conta os fatores de uso da língua, no espaço, no tempo, nas variações etárias, nos processos de interação conversacional específicos (hierarquizados ou não), na pragmática e em todas as epistemes que levem em conta os fatores atuantes sobre a produção e recepção do discurso.

Braga (*apud* Braga & Mollica, 2010, p. 101) afirma que “a importância teórica e metodológica dos estudos sobre a língua em uso é fundamental” (grifamos). E prossegue:

Exposto à conversação, o homem adquire a linguagem articulada e, simultaneamente, as formas básicas de socialização. Por outro lado, é um truismo lembrar que o significado de enunciados e de itens lexicais deverá levar

em consideração o contexto linguístico e situacional²⁵ em que são empregados. (Idem, ibidem)

No entanto, os autores que propuseram a variação nos estudos linguísticos também concordam que a tarefa de observar e descrever cientificamente os aspectos de mudança ocorridos em função da produção discursiva concretas são grandes.

Ainda é Maria Luíza Braga quem esclarece:

Também não devemos subestimar as dificuldades inerentes a tal abordagem. Se é inegável que o discurso possui uma estrutura, marcas e características que autorizam a identificação de produções discursivas concretas, perceptíveis pelo sentido, é igualmente verdade que a liberdade, a flexibilidade, a negociação de esquemas e estruturas²⁶ no nível discursivo são mais amplas. Consequentemente maiores as dificuldades a serem enfrentadas pelos estudiosos que se aventuram pelas vias do discurso. (id. ib.)

Portanto, tentou-se demonstrar que a mudança linguística, tanto no tempo como no espaço (diacronia e sincronia; história da língua e fala contemporânea), convive com a noção saussuriana, precursora da ciência linguística, de língua como sistema e estrutura. No entanto, procura-se, na esteira dos estudiosos das Sociolinguísticas e de outras epistemes voltadas à produção discursiva, não subestimar a dificuldade oriunda desse método, e trazê-lo para o campo de investigação linguística cercado de cuidados científicos que, no fundo, foram primeiramente trazidos à luz, com bastante contundência, por Ferdinand de Saussure.

Para isso, foi-se, como se viu, aos diversos teóricos que sucederam o mestre de Genebra, e procurar-se-á, abaixo, ainda com exemplos empíricos em maior quantidade, mostrar que a gramaticalização é um dos processos mais úberes e fecundos para a demonstração da necessidade de uma preeminência pancrônica nos estudos linguísticos, por ser processo que ocorre desde a noite dos tempos em que se registrava a língua até os dias de hoje, perpassando, pois, toda a história de uma língua (langue/diacronia), mas tendo como pontos basilares momentos específicos dessa mesma língua (parole/sincronia).

²⁵ A distinção entre “contexto” e “situação” está explicitada em obras como Câmara Jr, e Koch & Travaglia, . Dizem respeito, basicamente, a aspectos discursivos endofóricos (contexto) e dêiticos (situação)

²⁶ Braga está, aqui, utilizando terminologia e conceitos provenientes da Sociolinguística Interacional, que é aquela que lida com interações face a face, cf. Moita Lopes, Levinson.

É preciso, ainda, salientar que a pesquisa do fenômeno conceitual da gramaticalização constitui exemplo coerente e contundente da coexistência da *mudança* e da *permanência* linguísticas no sistema de uma língua. Para isso, serão apresentados conceitos que permitem mais de um ponto de vista sobre as causas/consequências da gramaticalização, e como a compreensão de sua episteme pode levar, inclusive, a se levantarem hipóteses de casos, pancronicamente observáveis, que poderiam ser enquadrados no âmbito da matéria discutida.

Isso se dará, como se pretende mostrar, tanto na literatura quanto na imprensa escrita e mesmo na fala contemporânea. Isto é, partindo-se de noções e aprofundamentos teóricos sobre o assunto, poder-se-ão estudar casos já consagrados de gramaticalização, assim como outros em que, por enquanto, estar-se-ia no âmbito da hipótese científica, todos calcados, vale lembrar, em conceituações diferentes apresentadas por teóricos cujo alvo da pesquisa científica foi, pelo menos em algum momento, a epistemologia e a teoria da gramaticalização.

Assim, quer-se mostrar que as formulações teóricas sobre o processo de gramaticalização possuem um centro em comum bastante rígido do ponto de vista conceitual, mas, por outro lado, apresentam epistemologias mais flexíveis que ocasionam e suscitam possibilidades de hipóteses sobre o processo, possibilidades essas que se mostram bastante diversas e complementares.